

SACCOMANI, MARIA CLÁUDIA DA
SILVA. **A CRIATIVIDADE NA ARTE
E NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: UMA
CONTRIBUIÇÃO À PEDAGOGIA
HISTÓRICO-CRÍTICA À LUZ DE
GEORG LUKÁCS E LEV VIGOTSKI.**
ED. AUTORES ASSOCIADOS,
CAMPINAS –
SP, 2016. 240 P.

Livaldo Teixeira da Silva

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

livaldo.lirohboy@gmail.com| orcid.org/0000-0002-3991-4323

Jucilane Sueli Pires de Oliveira

Secretaria Municipal da Educação do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

jucilane@gmail.com

A obra *A criatividade na arte e na educação escolar: uma contribuição à pedagogia à luz de Georg Luckács e Lev Vigotski* se apresenta ancorada no princípio educativo do trabalho. Fruto da pesquisa de mestrado, a autora integrou-se num projeto mais amplo, desenvolvida pelo seu orientador, Newton Duarte da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). A autora é doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar na Unesp de Araraquara, atua na educação básica, em especial na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Sua pesquisa, de um fazer pedagógico engajado, da experiência e vivência no ensino público.

R E S E N H A

Esta obra está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição - Não comercial - Compartilhar igual 4.0 Internacional.



Destacando a coerência metodológica e o rigor conceitual, conforme ressalta no Prefácio da obra, Lígia Márcia Martins.

Os objetivos apresentados na pesquisa de Newton Duarte, tomados como fundamentos pela autora foram de “analisar a concepção de Lukács sobre o papel da arte na formação do ser humano”; assim como os trabalhos de Vigotski que tratam das decorrências das obras de arte na formação do psiquismo humano”, por fim, a análise das “aproximações e distanciamentos entre Lukács e Vigotski no que se refere ao papel formativo da arte”; dessa forma, “extrair das análises definidas nos objetivos precedentes, contribuições para a teorização pedagógica na perspectiva marxista.” (p. 1). A pesquisa demandou o estudo do livro, *Psicologia da Arte*, de Vigotski, para compreender o psicólogo soviético a respeito do papel da arte na formação humana e dos capítulos, 7 e 10 da obra, *Estética* de Georg Lukács, escolhidos por tratarem de uma forma particularmente valiosa, “a dialética entre a formação do indivíduo e as objetivações históricas do gênero humano, a partir das peculiaridades das relações entre a subjetividade individual e as obras de arte.” (p. 3). Especificamente a obra aborda a temática para além das aparências imediatas que consideramos necessário para o ensino de arte na escola.

A autora coloca como problemática de sua pesquisa, a bastante difundida ideia de que a criatividade é um dom excepcional, e, algumas pessoas foram agraciadas por dádiva ou pela natureza desde que nascem, portanto, um talento garantido biologicamente. Recorrendo a Duarte (2001), ela entende que as pedagogias hegemônicas, do aprender a aprender contrapõem a transmissão sistemática de conhecimento, tornando-a dispensável no imaginário pedagógico da contemporaneidade. Assim, o estudo parte do pressuposto de que a criatividade, como a transformação do real pela atividade humana, tem sua gênese no trabalho.

Recorrendo à Marx e Saviani, Saccomani (2016) apresenta a concepção de trabalho na perspectiva marxista do Materialismo Histórico e Dialético, destacando o trabalho como princípio educativo, que exige que o homem para produzir-se necessita apropriar-se de uma humanidade já existente que está

corporificada na cultura, essa não está dada, necessitando do trabalho educativo intencional; ou seja, a objetivação do currículo escolar, nessa concepção, está contida o princípio de que o trabalho educativo eleva a consciência individual para níveis superiores de compreensão e valoração da realidade em que vive. Assim, a criatividade dentro da educação escolar, levanta o véu da realidade, apresentando o desconhecido ou novo conhecimento ao estudante, porém já pertencente ao humano; tendo como função “criar em cada indivíduo singular, sobre a baseada natureza biofísica, o produto da criatividade humana que foram objetivados nos instrumentos da cultura”. Nesse sentido, a criação significa, em grande parte, reproduzir o já existente. “Quanto mais rica e fidedigna for a reprodução da realidade na mente dos sujeitos, melhores e mais ricos serão os elementos disponíveis para a movimentação da criação” (p. 6)

A autora analisa a imaginação “como função psicológica vinculada à atividade criativa”, que de acordo com Vigotski, 2009, p.14:

Na verdade, a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando-se também possível a criação artística, a científica e a técnica. Nesse sentido, necessariamente, tudo o que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia. (p. 6-7).

Assim, o ato criativo, necessidade humana para o desenvolvimento da cultura, constitui como resultado da criação dos seres humanos ao longo do tempo. O capítulo um, intitulado: Contraposição entre ensino e aprendizagem nas pedagogias do “aprender a aprender”, expõe a problemática da perspectiva hegemônica sob o lema “aprender a aprender”, confrontando com as bases epistemológicas da Pedagogia Histórico-crítica. Conforme Duarte (2014a) quando essas pedagogias contrapõem o ensino a criatividade, trata-se de um processo de exclusão, pois alija os estudantes trabalhadores do acesso e apropriação do patrimônio cultural da humanidade. Dessa forma, as pedagogias do “Aprender a Aprender” conceituam a criatividade na educação escolar como sendo “ordem do espontâneo e do individual, portanto qualquer intervenção sistematizada interferiria no desenvolvimento dessa capacidade

humana” (p. 15), prejudicando-a; esse sendo comum encontra-se em sintonia com o ideário hegemônico da sociedade capitalista contemporânea.

Para os autores é necessário beber da fonte dos grandes modelos, sendo essa, uma condição imprescindível para a rica criação, nesse sentido, “a criatividade só existe quando o indivíduo se apropria daquilo que já foi acumulado pela humanidade.” (p.17). Para reforçar essa constatação, a autora recorre a Snyders (1974), onde o autor defende a ideia de que a educação “seja um momento de afastamento da vida cotidiana, que é superficial e imediata.” (p. 19). Por fim, desmistifica as ideias centrais apresentadas pelo escolanovista, em especial do construtivismo sobre o ensino diretivo; essas criticam a escola tradicional de forma caricaturada, reforçando assim o senso comum.

No capítulo dois, “O desenvolvimento histórico-social da criatividade”, Saccomani explica que “a lógica formal não dá conta do movimento dialético da realidade em geral, e da criatividade em particular, em suas múltiplas determinações.” (p. 43).

A autora apresenta a criatividade na perspectiva marxista, tendo como objetivo, sistematizar as “reflexões teóricas que a partir do materialismo histórico e dialético, oferecem contribuições para superarmos as visões irracionalistas de criatividade”, e num segundo objetivo, apresenta “uma concepção de criatividade mais desenvolvida que expresse de maneira mais fidedigna esse fenômeno e, dessa maneira, possa orientar o trabalho educativo.” (p. 44).

Em Luckács e na escola de Vigotski encontra subsídios importantes para a explicitação de seu objeto, rebatendo as ideias das pedagogias relativistas do “aprender a aprender”. Para ela “a criatividade como uma propriedade ligada ao ato de criação, a capacidade de criar, qualidade de quem é criativo.” (p. 44). Reafirma a criatividade a partir do trabalho humano, colocando em evidência a dialética entre a reprodução e a apropriação, e fim ressalta que “apropriação da cultura é decisiva na formação de todo ser humano”. “(p. 50)”. Assim, a fonte do desenvolvimento humano se dá pela “experiência do gênero humano,

acumulado ao longo da história e transmitido de geração em geração” (p. 51), conforme Luria (1979).

A arte, assim como todas as outras formas de objetivação da humanidade, originou-se do trabalho, destacando-se dele em um longo percurso histórico. Em sua gênese, a arte esteve misturada a magia e depois a religião. Mas foi aos poucos se afirmando em sua especificidade, centrada no humano e, por conseguinte, oposta as explicações transcendentais e centradas no divino. A obra de arte é fruto do trabalho humano, criado pelos seres humanos, e para os seres humanos. (p. 54).

Esse processo de humanização citada pela autora é sistematizado ao longo do capítulo apresentando o trabalho como “fundamento da própria sensibilidade humana” (p.53) e elevando a obra de arte como “expressão objetiva da subjetividade humana. Assim, a sensibilidade estética é resultado de um longo processo histórico de humanização e formação dos 5 sentidos.” (p.53 e 54)

A autora tratará da criação humana, da apropriação pelo aluno dos instrumentos culturais mais desenvolvidos, do pensamento em movimento impulsionando a atividade criadora e memória; vai apresentar questões e suas possibilidades. Percorrendo Vigotski, Leontiev, Duarte e Martins.

O capítulo três “A criatividade na pedagogia histórico-crítica” partindo da contradição colocada pelas pedagogias contemporâneas e buscando a superação dessas concepções, subsidiando a compreensão da criatividade como desdobramento do psiquismo humano em sua expressão plena. A autora recorreu a Vigotski (2009) e esclareceu que o bom ensino é o que vem antes para o desenvolvimento, promovendo-o. Concordando com Duarte (2009), afirma que, quando algumas concepções pedagógicas negam o ato de ensinar e contrapõe esse ato a criatividade, causam grandes entraves à qualidade da criação.

A autora desmistifica a ideia das concepções inatistas, naturalizantes e espontaneístas, que entendem o ato criativo conforme ele se apresenta, no senso comum. O senso comum considera o ato criativo como um dom ou talento nascido com o indivíduo, desconsiderando as condições objetivas do sujeito que cria; ou seja, a vida e a educação recebida. Trazendo à baila uma

concepção de criatividade, conforme a pedagogia histórico-crítica analisa a unidade entre o automatismo e criatividade em Saviani (2008), e também, a formação das operações conscientes na visão de Leontiev (1978); dessa forma esse trabalho corrobora para a compreensão de que a criação não é fruto de interações espontâneas.

A autora faz uma analogia entre os dois autores citados, constatando semelhanças íntimas no ideário pedagógico de ambos. Leontiev analisa as operações conscientes como decorrência do processo em que as ações são automatizadas, já Saviani, destaca em sua análise a importância da formação de automatismos para se libertar dos mecanismos, o sujeito automatiza e incorpora os mesmos, assim sendo, embora pareça contraditório, para a libertação dos mecanismos, é necessário internalizá-los, semelhante à Leontiev que afirma a necessidade de automatizar procedimentos e transformá-los por meio de ações em operações conscientes.

A obra reafirma que “a ação é uma unidade constitutiva de uma atividade”. Nesse sentido, a autora se apoia no exemplo exposto por Leontiev (1978):

(...) do batedor que, no trabalho coletivo da caçada, para satisfazer sua necessidade de se alimentar, realiza a ação de assustar a caça. Assim como explicamos a caça significa imediatamente a satisfação da necessidade de se alimentar, ou seja, nesse caso o objetivo a ser alcançado com a ação não coincide com o que move o sujeito a agir. A ação individual e imediata do batedor é apenas uma parcela da atividade coletiva e só faz sentido na relação com os outros participantes, ou seja, só faz sentido quando inserida na cadeia de ações que constituem a atividade. (p.151)

A atividade do homem satisfaz suas próprias necessidades, sendo o processo de atividade, ação e operação, distintos. Ela é organizada por uma causa e formada por uma cadeia de ações, cada uma constituindo em um processo em que o motivo não coincide com o objeto, quando vistos em separado. Para Leontiev as operações são maneiras de realizar as ações, dependendo, em especial, das condições em que o sujeito age. Conforme exemplifica: há diversas formas de escrever um pequeno texto, a ação é a mesma, “porém as condições nas quais a ação se objetiva são diferentes, o que

exigiria também diferentes operações. Assim, toda e qualquer ação se constitui por diferentes operações.” (p. 152). Na definição de Leontiev (1978), p. 303-304), a operação é definida como o modo pelo qual se executa uma operação.

Assim a

operação é o conteúdo indispensável de toda a ação, mas não se identifica com a ação. Um a só e mesma ação podem realizar-se por meio de operações diferentes, e, inversamente, ações diferentes podem ser realizadas pelas mesmas operações. Isto se explica pelo fato de que, enquanto uma ação é determinada pelo seu fim, uma operação depende das condições em que é dado este fim. (p. 152)

Os exemplos de Leontiev e de Saviani a respeito das operações conscientes foram trazidos à baila de forma que ficou evidente uma vinculação estreita entre os princípios da psicologia histórico-cultural a respeito da atividade artística e da pedagogia histórico-crítica, no que tange a educação escolar.

Quanto ao conceito de segunda imediatez, a autora fidedigna a epistemologia da Pedagogia Histórico-crítica e da Teoria Sócio-histórica, parte da ideia de que a imediatez, em sua forma pura, somente pode ser encontrada na natureza.

Na vida cotidiana, as pessoas estabelecem uma relação mais imediata com as objetivações humanas em comparação com outras esferas da prática social, como a ciência, a arte e a filosofia. Entretanto até mesmo esse caráter imediato é relativo, pois, a rigor, nenhuma ação humana é totalmente imediata. Se considerarmos que tudo na cultura passa pela mediação das relações sociais, do uso de ferramentas, e demanda a internalização de signos tudo é, de alguma forma, mediado. (p. 158)

Recorrendo aos autores referenciados, a autora conceitua segunda imediatez, identificando a segunda natureza. A segunda imediatez ocorre na medida em que o sujeito após negação, negação da negação e incorporação do objeto em sua problemática na totalidade, incorpora os mecanismos por meio de automatismos chegando ao hábito; podemos afirmar na acepção gramsciana que houve uma catarse, momento culminante da aprendizagem, em que o indivíduo se apropria do conteúdo objetivado. Dessa forma, a autora coloca em evidência os princípios fundamentais da Pedagogia Histórico-crítica e

seus fundamentos relacionados à psicologia de Vigotski e a ontologia do ser social de Georg Luckács.

Sobre as relações entre ensino, aprendizagem e desenvolvimento da criatividade, ressalta que é preciso que compreendamos que entre o ensino e a aprendizagem existe uma interdependência; sendo assim a criatividade humana não brota de modo natural, com raras exceções. O desenvolvimento da criatividade ocorre geralmente por meio de processos educativos intencionais; assim fica o apontamento de que a educação escolar deve ser tomada como espaço privilegiado para oportunizar o desenvolvimento da criatividade.

Encerando o capítulo, Saccomani trata da distinção entre “a criatividade como meio de adaptação à sociedade capitalista e como meio de transformação para a sociedade comunista” (p. 190). Assim, desenvolve a ideia numa concepção afirmativa do ato de ensinar. O desfecho se dá numa apropriação e uma opção política consciente pela valorização do conhecimento elaborado que eleva os conceitos espontâneos, como meio de transformação social, numa direção política; ou seja, para que a escola realize sua função social.

Após as considerações finais, que trazem os apontamentos necessários à busca do conhecimento artístico, científico e filosófico e culmina com os anseios dos trabalhadores docentes e pedagogos dando o sentido necessário ao fazer da escola. Por fim, o livro foi contemplado com o Posfácio de Newton Duarte, intitulado: *O conceito dialético de reprodução e a pedagogia histórico-crítica*.